Entrevista - Área Animal

Por Dr. Afrânio Gazolla
Editor da Área Animal da Revista RG News

Edison Martins

Graduado como Médico Veterinário (1977) e Me. em Sanidade Animal pela Universidade Federal de Pelotas – UFP (1984). Dr. em Reprodução Animal pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (1999). Trabalhou na Extenção Rural pela ACARESC (1978-1979) e na EPAGRI (1985-2008). Foi diretor da Associação Catarinense de Criadores de Suínos (1980 – 1982); Diretor da Central de Inseminação Artificial de Suínos de Concórdia – SC (1980 – 1982); Professor Substituto de Patologia Geral no Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Minas Gerais (1987) e de Fisiologia Veterinária no Centro de Ciências Agroveterinárias da Universidade do Estado de Santa Catarina de (2005 – 2008). Atualmente é Diretor Executivo na Fazenda Bom Jesus do Herval – BJH, Ponte Alta – SC., atuando em preservação e conservação da raça brasileira bovina Crioula Lageana. Termos referenciais do seu trabalho: recursos genéticos, patologia, morfologia, fisiologia, obstetrícia, andrologia, coleta, criopreservação, semem, embrião, célula tronco.

1. **Edison, para iniciar a entrevista gostaria de saber quando se iniciaram os trabalhos de conservação com o bovino Crioulo Lageano, e qual foi o grau de evolução deste trabalho daquela época para aos dias atuais?**

Resposta:

O início do trabalho de conservação do bovino Crioulo Lageano correu na década de 60, quando alguns criadores tomaram a decisão de conservar esse grupamento genético que vinha sendo substituído por raças definidas e melhoradas em outros continentes. Nos anos 80, com a criação da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, iniciou-se as ações técnicas de conservação dos recursos genéticos, incluindo o crioulo Lageano. Nessa época, a Embrapa levou para o seu banco de germoplasma animal, alguns animais e sêmen de touros destaques da raça.

Durante muito tempo, os primos Nelson e Antônio Camargo e a Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia se preocupavam em conservar esse recurso genético. Em março de 2003, fomos convidados para palestrar sobre certificações de produtos agroalimentares, em um dia de campo na Fazenda Igrejinha de Nelson Camargo. Nessa oportunidade, nos deparamos com um grupo de produtores rurais interessados na raça, quando então sugerimos a criação de uma associação de criadores, para em conjunto construir o caminho da certificação dos produtos e subprodutos dos animais da raça. A partir desse encontro, trabalhamos na constituição da Associação que efetivou-se em 31 de outubro do mesmo ano na fazenda Igrejinha pela

Assembleia de fundação da Associação Brasileira de Criadores de Bovinos da Raça Crioula Lageana – ABCCL.

Figura 1. Raça Crioula Lageana.

Uma vez criada a ABCCL, todos os esforços foram empreendidos para o reconhecimento e desenvolvimento da raça. De imediato, levantamos os dados disponibilizados pela Embrapa e pelos criadores e encaminhamos ao MAPA a solicitação de reconhecimento e a oficialização do Serviço de Registro Genealógico.

Após várias reuniões e adequações da documentação da ABCCL, para o cumprimento das normativas ministeriais, em 31 de outubro de 2008, o então Ministro Reinhold Stefanes, assinou a Portaria Ministerial nº 1048 que reconhece o grupamento genético como raça Crioula Lageana e sua variedade Mocha, e outorga à ABCCL o Serviço de Registro Genealógico da Raça Crioula Lageana, e sua variedade Mocha (**Figura** 1).

A partir daí, houve um estímulo para a continuidade dos trabalhos de pesquisa com parceiros como a Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, ABCCL, e diversas universidades ampliando o conhecimento sobre a raça.

Com base nos resultados de pesquisas, na Assembleia Geral Ordinária de 2018, instituiu-se uma comissão para trabalhar na construção da certificação da carne Crioula Lageana.

2. Para você, como foi a formação e evolução da raça? Discorra sobre isto em termos históricos e abordando os elementos do processo: Bovino, homem do campo, ambiente, Associação de Criadores e Embrapa.

Resposta:

Os bovinos Crioulos Lageanos descendem daqueles trazidos da Península Ibérica, pelos colonizadores portugueses e espanhóis, povoando os campos Sul Brasileiro servindo de fonte de

proteína animal, através do leite e derivados, carne e derivados. O couro foi muito usado na construção de moradias, vestuário e confecção de material de encilha de animais. Os bovinos também eram a principal fonte de energia para transporte de mercadorias. Desta forma, no passado, o gado Crioulo Lageano apresentava triplo propósito de produção: produção de carne, leite e trabalho.

Figura 2. Criador com um exemplar, à campo, demonstrando a docilidade da raça.

A introdução do bovino nos Campos de Lages, contou com a expressiva participação dos padres Jesuítas da Companhia de Jesus, que com o auxílio dos nativos, conheceram os campos naturais de altitude e trouxeram para essa região um rebanho de aproximadamente 80.000 rezes. Com o acordo de Madri em 1730, os Jesuítas foram expulsos do território e o rebanho de bovinos ficou livremente por muitos anos.

Nesses campos os animais permaneceram livremente ao longo do tempo, o que culminou com um processo de seleção natural, onde apenas os mais fortes se adaptaram e sobreviveram.

No início da ocupação da região, os bandeirantes que abriram o caminho das tropas e fizeram a ocupação do território, encontraram um grande rebanho de bovinos asselvajados, que foram capturados e introduzidos nas fazendas que se instalaram nesse território. Desta forma, os bovinos Crioulos Lageanos foram a base da primeira atividade econômica da região.

A raça Crioula Lageana foi o esteio da pecuária nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, até a introdução de raças melhoradas em outros continentes, que pouco a pouco reduziram drasticamente o rebanho de bovinos crioulos.

O Rio Grande do Sul, estado de vanguarda na pecuária, em um curto espaço de tempo teve todo o rebanho de bovinos crioulos substituído por raças importadas, ditas como mais produtivas.

No Estado de Santa Catarina alguns criadores conheciam bem e apreciavam o bovino Crioulo Lageano e por isso, apesar dos modismos, mantiveram seus rebanhos, que passaram de geração em geração até o presente. Nesse contexto dois criadores mantiveram os rebanhos de base. Antônio Camargo, proprietário da Fazenda Canoas no município de Ponte Alta, SC e Nelson de Araújo Camargo, da Fazenda Igrejinha no município de Lages, SC. A partir desses dois núcleos, novos criadores foram adquirindo animais e expandindo o número de núcleos de conservação.

Durante todo o processo de produção do conhecimento sobre a raça Crioula Lageana, a Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia foi parceira dos núcleos de conservação, que também contaram com o conhecimento produzido por diversas universidades e instituições de pesquisa de diferentes estados da federação.

3. Como o bovino Crioulo Lageano participa da vida das fazendas?

Resposta:

O bovino Crioulo Lageano compõe os rebanhos de diversas fazendas ou núcleos de conservação principalmente no estado de Santa Catarina, na região do Planalto Sul Catarinense, mas há criadores em outros estados tais quais o Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins e Distrito Federal.

Atualmente, o bovino Crioulo Lageano participa das fazendas, como uma atividade econômica eficiente e produtiva, como qualquer outra raça. O reconhecimento da raça pelo MAPA, permitiu a introdução em mercados de material genético e multiplicação de genética animal, como as demais raças comerciais.

Figura 3. Criação do Crioulo Lageano, nos Campos Sulinos.

4. Pode outro bovino substituir sua função no ambiente?

Resposta:

A região do Planalto Sul Catarinense se caracteriza pelo rigor do inverno, época em que a disponibilidade de forragem se torna escassa, devido às geadas, neve e frio intenso e prolongado. O bovino Crioulo Lageano por ser adaptado às intempéries, suporta o inverno e a escassez de alimentos de maneira muito superior às outras raças, sem que seja necessários grandes investimentos na alteração do ambiente para atender as necessidades das raças exóticas.

Por ser a raça mais adaptada às condições climática da região, que apresenta grande variação térmica, onde no verão, experimenta-se temperaturas que variam de 7ºC na madrugada à 30ºC no meio da tarde, o Crioulo Lageano não demonstra estresse e desconforto térmico observado em raças exóticas. Com base nessas observações e nos trabalhos científicos desenvolvidos, pode-se dizer que a rusticidade do Crioulo Lageano, adaptação ao ecossistema e maior resistência às enfermidades causadas por ectoparasitas, se pode dizer que a raça Crioula Lageana não poderia ser substituída por àquelas raças introduzidas sem que haja prejuízos econômicos nessa substituição.

5. A conservação do Bovino Crioulo Lageano sofre alguma ameaça atualmente?

Resposta:

Sim, a principal ameaça é a síndrome de vira-lata da nossa sociedade, onde *"bons são os outros e o que é dos outros"*. Isso coloca a raça em dificuldades para a expansão territorial.

Outra ameaça é a pressão da indústria da carne para o comércio direcionado para determinadas raças que tem uma longa trajetória no mercado de carnes.

6. Qual a importância do Núcleo de Conservação da Embrapa para a raça?

Resposta:

O núcleo de conservação *ex-situ* da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia é fundamental para a raça que possui poucos exemplares fora do estado de Santa Catarina. Em caso de uma excepcional catástrofe sanitário no estado de Santa Catarina, os núcleos *ex-situ* tornam-se a principal fonte de obtenção e regeneração do material genético.

7. Discorra sobre as principais pesquisas realizadas com o bovino Crioulo Lageano.

Resposta:

Diversas instituições de pesquisas vêm desenvolvendo estudos no sentido de avaliar e conhecer esse material genético. Dentre elas, podemos destacar a Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, a Universidade de Brasília, a Universidade Federal de Santa Catarina, a Universidade do Estado de Santa Catarina, a Universidade do Rio Grande, que geraram conhecimentos sobre as características genéticas, comportamentais, precocidade reprodutiva, e de qualidade da carne da raça Crioula Lageana.

8. Existem trabalhos de identificação, sazonalidade e bromatologia das principais forrageiras nativas da sua dieta?

Resposta:

O Planalto Sul Catarinense está localizado no Centro Sul do Estado, região de maior altitude, chegando a 1800 metros acima do nível do mar, onde o clima segundo a classificação de Köeppen é do tipo Cfb (temperado úmido sem estiagem), chuvoso, invernos frios com grande incidência de geadas e verões brandos. A temperatura média anual é de 15,7^{0}C, sendo que no mês mais frio a temperatura média é de 6,6^{0}C, com ocorrência de temperaturas inferiores a 0^{0}C.

A estrutura geológica é caracterizada por rochas sedimentares nas áreas mais ao norte e ígneas mais ao sul, sendo os solos ácidos, pedregosos e de pouca profundidade. Nessa região ocorre a formação de bacias hidrográficas importantes, com excelente proteção ambiental, como a do rio Canoas e Pelotas, que ao confluírem formam a bacia do rio Uruguai. Nessa região, também está identificada a ocorrência de vários pontos de abastecimento do aqüífero Guarani.

A vegetação é formada por áreas de pastagens nativas ou "campos naturais" intercaladas por florestas compostas de diversas espécies arbóreas que, associadas à *Araucaria angustifolia* Kuntze, constituem as matas ciliares (RITTER & SORRENSON, 1985). Os campos naturais são formados por uma grande variedade de espécies de plantas forrageiras, aproximadamente 300 espécies, cuja composição florística permite a classificação em oito tipos diferentes, assim denominados: Campo Palha Grossa; Campo Palha Fina; Campo Misto de *Andropogon lateralis* Nees e *Schizachyrium tenerum* Nees; Campo Misto de *A. lateralis* e *Paspalum pumilum* Nees; Campo Palha Fina tendendo a Gramado; Campo Misto de *Paspalum notatum* Flügge e *Aristida* sp.; Campo Sujo e Campo Palha Fina com mata.

O conjunto formado pela vegetação de campos e florestas naturais em um relevo de coxilhas expressa uma paisagem de beleza singular (Figura 3), que no passado inspirou o nome de comunidades rurais tal qual a denominada "Coxilha Rica". Esses recursos ambientais naturais ainda existem devido à cultura tradicionalista e conservadora dos habitantes da região, que há séculos dedicam-se à pecuária de corte. Esse ambiente também se encontra ameaçado pelo avanço da introdução de florestas exóticas e implantação de agricultura de grãos, como a soja.

9. Li o livro sobre a raça Crioula Lageana, como surgiu a ideia que culminou em um livro e tão completo sobre ela?

Resposta:

A necessidade de organizar cronologicamente o caminho percorrido pelo bovino Crioulo Lageano, contemplando os dados históricos, questões sócio-econômicas, culturais e dados científicos, foi a grande motivação para escrever o livro. Porque colocando esses conhecimentos de maneira organizada e com linguagem simples, seria possível um melhor aproveitamento das informações sobre a raça em qualquer ambiente. É importante para a difusão e conhecimento da raça Crioula Lageana que os dados obtidos na área científica, sejam traduzidos em informação para a comunidade.

10. Estamos curiosos para saber, quais serão os próximos passos na pesquisa com a raça Crioula Lageana?

Resposta:

O fato de haver muitas pesquisas científicas com a raça Crioula Lageana, publicadas e disponíveis na literatura, não nos exime de continuar buscando a excelência e essa busca significa estudar e aprofundar cada vez mais nosso conhecimento sobre a raça.

Os próximos passos já definidos para a continuidade das investigações contemplam, entre outros, o estudo da resistência do bovino Crioulo Lageano às doenças transmitidas por ectoparasitas, o programa de conservação, utilização sustentável e melhoramento da raça e a organização mercadológica da carne, incluindo sua certificação.

Caro amigo Edison, em primeiro lugar quero agradecê-lo por tudo que tem feito pelos recursos genéticos animais no Brasil e, segundo, pelo privilégio em poder entrevista-lo! Afrânio.